

Governo terá de controlar caixa

SÉRGIO FADUL

O governo federal terá que controlar de todas as formas seu caixa este ano, disse ontem o presidente Fernando Henrique Cardoso no almoço que lhe foi oferecido pela Câmara de Comércio Americana. A meta imposta aos ministros da área econômica em reunião na noite de quinta-feira em Brasília, contou, é obter um superávit primário entre 2% e 2,5% do Produto Interno Bruto (PIB). Isso significa que as despesas do governo não poderão superar as receitas.

A meta de superávit não leva em conta as despesas dos estados e municípios, nem das empresas estatais. "Nós vamos precisar não é de equilíbrio fiscal, e sim de superávit no orçamento. Superávit primário custe o que custar. Quanto custa isso, veremos depois", disse Fernando Henrique. No ano passado, o superávit primário do governo ficou em torno de 1%, contra 4% registrados em 1994.

Fernando Henrique acrescentou que todas as outras variáveis serão ajustadas para que o superávit primário seja obtido e todos sintam que o governo está com rumo definido. "Este rumo está embasado em uma mudança estrutural. Nós temos competência, empresários, trabalhadores, capacidade negociadora, Congresso e decisão política de avançar neste rumo, que é essencial", afirmou o presidente.

Para isso será preciso um maior esforço dos setores público e privado porque o Brasil precisa de um excedente de dinheiro em suas contas e gastar bem esse excedente, disse, não escondendo que seu objetivo é gerar uma poupança interna, que financie o crescimento do país. Até então a retomada de investimentos na economia tem sido possível às custas, basicamente, de recursos externos.

Em os discursos ontem no Rio, Fernando Henrique fez questão de chamar a atenção para a mudança de patamar que está acontecendo na produção brasileira e no desenvolvimento do país. Citou como exemplo a indústria automobilística, uma das primeiras a enfrentar a concorrência das importações. "Antes tínhamos apenas montadoras. Hoje, queremos fazer o desenho do carro e do motor, produzir um *design*. Só sete países fazem isso no mundo e o Brasil vai ser o oitavo", afirmou.

Sobre o desemprego, o presidente disse que alguns trabalhadores estão perdendo o emprego e estes não são os mesmos que estão ganhando trabalho. Acrescentou que as empresas que não se modernizarem para enfrentar a concorrência irão falir. "Não aceitamos nenhuma tese de estabilização sem desenvolvimento", afirmou.